REDACTORES
DOMINGOS GUIMARÃES
JOÃO PINTO

A JOIA

REVISTA QUINZENAL LITTERARIA

DEDICADA ÁS DAMAS VIMARANENSES

REDACÇÃO
RUA DAS LAMELLAS
N.º 37

NUMERO 7 — GUIMARÃES, 22 DE JANEIRO DE 1888 — 2.ª SÉRIE

SUMMARIO

Myosotis, por Domingos Guimarães—*Cantares*, poesia, por Braulio Caldas.—*A um reverendissimo abbade*, soneto, por Freitas Costa.—*Sem titulo*, poesia, por Herminio de Sousa.—*O primeiro sonho...*, ballada em prosa, por Ricardo Moreno.—*A Depuy*, poesia inedicta, por Gonçalves Crespo — *D'alem tumulo*, poesia por José Parreira—*A Creança*, versos, por A. Leão Martins—*Pequeno conto*, por Sá-Lino — *Má estrella*, por Tito Manlio—*Nova serie* —*Livros* e *Jornaes*—*Palcos* e *Salões*—*Annuncios*.

Myosotis

O dia de meu anniversario, desanove annos, apenas, passeio sobre o Mondego, um grande rio bonançoso e tranquillo, que corre por entre campinas verdejantes aos pés da velha Coimbra como entoando uma doce *preghiera* sentida e que no inverno, como agora, é semilhante a uma enorme torrente de leite coagulado.

Os choupos acostavam-se ás margens, sobraçavam o dorso, como que a chorar maguas intimas e boas. A's vezes, de noite, para a madrugada, emquanto ao longe se ouvia um coro de rãs, as aguas sustentávam-se de chofre como galvanisadas por uma torrente electrica, ou como se estacassem, a ver, debruça-

das, as pequeninas flores azues dos myosotis christallisadas pela neve.

×

Eu não conheço nada mais triste do que um inverno passado longe da patria, na ausencia da mulher amada. Emquanto as alegrias do sol, dos campos, o borborinho das cidades podem entreter o espirito e affastal-o da melancolica nostalgia dos que se amam, ideas, paysagens, personagens longincuos, a taciturnidade do inverno, o perpetuo choro das nuvens, a nudez da vegetação pallida e abatida e só disputando para estrebuchar nos braços da nortada, toda aquella enorme solidão que a falta de um bom sol produz, porque uma sombra é uma companheira, chama á memoria todas as saudades das lagrimas que choramos e dos beijos que fruimos.

×

A bordo do pequenino barco, sobre o Mondego, sem quem soubesse lêr a doce melancolia que se estendia pelo meu espirito, eu lembro outros dias de meus annos, em que a minha doce amada balbuciava umas palavras muito ternas, n'aquelle doce ciciar que se transformava subtilmente atravez dos seus labios de rosa, n'uma musica celeste.

×

E, hoje que tantos dias se passaram já de intimas agonias e de saudades lacerantas, eu vejo ainda e sempre nas asperas noites do inverno aquella graciosa creatura extranha, todo o meu doce bem, fitando-me serenamente com os seus olhos de anjo, azues como as pequeninas flores de myosotis, chrystallisados pela neve.

Coimbra, 7 de dezembro de 1887.

DOMINGOS GUIMARÃES.

Cantares

(INEDITO)

Se eu antes de ti morrer,
O' pomba dos meus anhelos;
Por mortalha quero ter
As tranças dos teus cabellos.

E depois de amortalhado,
Estendido no caixão,
Deixa-me ser enterrado
Dentro do teu coração.

Serão teus braços a cruz
Posta á minha cabeceira;
Teus olhos dar-me-hão luz
Na morada derradeira.

Emquanto que cá existes
As contas que tu rezares,
Fal-as das lagrimas tristes
Que depois por mim chorares.

(Das *Alvoradas e Crepusculos*).

BRAULIO CALDAS.

Coimbra.

A um reverendissimo abbade

(Emminente cosinheiro e soffrivelmente mouco)

O' padre, pois que a falta d'um sentido
Apura mais os outros, que extranhar
Que tenhas apurado o paladar
Desde que tens o tympano perdido?

De mim sei que, apezar de ter comido
Muito gato por lebre, n'um jantar,
Não é porque não sinta o olfato, o olhar,
Mais apurados, á falta d'ouvido.

E' que se tambem sigo como tu
De Brillat-Savarrin a santa lei
Lendo pela cartilha do *menu*,

Posso peccar, mas sempre te direi
Que se tu me mandares um perú
Recheiado por ti, não peccarei.

Guimarães.

FREITAS COSTA.

Hontem á tarde, no passeio, qu'rida,
a graça nobre e seria do teu ar,
como uma seducção desconhecida,
perturbante, fazia deslumbrar.

Ias n'uma «toilette» azul, de gosto,
com applicações em fazenda clara,
e n'um brancor de porcelana rara,
sob o chapeu, sorria-me o teu rosto.

Quando por mim passaste, regiamente,
teu olhar, d'uma dôce transparencia,
com um encanto lucido mordente,
todo me penetrou—como uma essencia.

E eu fiquei a pensar, ó meu thesoiro,
seguindo-te entre a turba ignara e fatua:
—que o teu corpo fascina como oiro
e tem esculpturaes linhas d'estatua.

Alguem junto de ti ia, vaidosa,
recitando um sonoro madrigal,
e o rir da tua bocca harmoniosa
tinha a musica doce d'um cristal.

E eu que sou frio e cheio de ironia
e odeio ôcos madrigaes inuteis,
quizera ir escutando as cousas futeis
da tua voz, como uma melodia.

julho, 1887.

HIRMINIO DE SOUSA.

O primeiro sonho...

BALLADA EM PROSA

I

Emquanto que o luar da meia noite lhe entrava na alcova perfumada, a pôr um beijo amoroso na sua pequenina bocca de coral, ella sentia que se lhe fechavam os seus grandes olhos doces, que se lhe fechavam sonhando d'ahi a pouco, sonho d'um prazer indefinivel, o primeiro, o mais casto, o mais perfeito, tão perfeito como a sua propria vida...

E logo depois, como por um encanto, alguem abria a janellinha da sua alcova e se lhe approximava com uma ternura inflexivel, em que havia uma parcella de austeridade e uma parcella de nobreza; era um pagem quasi na adolescencia, mais branco que os flocos de neve e mais loiro que os trigaes maduros. Cobriam-lhe o bello corpo umas roupagens de seda phantastica, tão simples e encantadoras que bem pareciam irmanadas da luz dos ceus; e do peito, como auréola fulgente, d'um esmalte victorioso, um arco d'oiro lhe pendia atravessado por uma frecha, em cuja ponta brilhava o dardo venenoso e frio...

E esse pagem, n'uma mudez de sphinge, foi-se encaminhando para ella vagarosamente, de mansinho, — nos labios um sorriso mal esboçado, nos olhos a expressão fogosa de um caprichoso plano. Pára a meio da saleta, curva-se, gentil tira o arco e a frecha d'oiro, prepara as duas peças — e n'um instante a setta parte indo cravar-se, não dilacerante, mas com caricia, na curva luminosa do collo da virgem loira, — adormecida emquanto que o luar da meia noite lhe entrava na alcova perfumada, a pôr um beijo amoroso na sua pequenina bocca de coral...

II

Como uma pomba que ao emprehender a travessia do Azul, levanta victoriosamente as brancas azas, fazendo-as bater n'um rhitmo chocante e fino, Margarida levanta-se do leito, enverga o «déshabilé» de rendas caras, e, tão ligeira como a ave, corre para a sua janellinha, a espraiar o olhar em que ha reflexos do céu, pela vastidão esbranquiçada da montanha... Ah! como a noite é linda e como, mesmo onde não ha luar, o esfumado da paisagem tem uma poesia rustica que falla ao coração! E como la em baixo, no ribeiro, a tira d'agua toma esmaltes divinos, cahidos do olhar lancinante das estrellas e como ella parece uma nesga do proprio céu, que Deus tivesse arremessado cá para baixo na bemdita hora d'uma expansibilidade beneficente! E o espirito de Margaridas preparava-se para uma mistica viagem, quando de sob a sua janella apparece o fidalguinho da Azinheira, accordando com as gratissimas e brandas melopéas do seu bandolim! amado, a paz dormente do casal... Então, ella suspira; uma claridade toda celeste inunda a sua

alma em espiraes de luz: e, n'um languôr fremente que vem da paixão amorosa e dos vermelhos desejos que a propria honestidade estrangula, a sua voz musical, melodiosa e fina, diz-lhe baixinho como n'um intimo segredo: «Se é a mim que o teu coração procura, ha muito que o espero!... E como, de baixo, elle lhe dissesse: «Vem jural-o junto de mim, dar-me a prova de que o dia de amanhã será todo nosso, n'um festim de nupcias!»—n'nm arrebatamento de malicia quasi innocente, Margarida partiu para junto do sonhado da sua alma, como uma pomba que ao emprehender a trevessia do Azul levanta victoriosamente as brancas azas, fazendo-as bater n'um rhitmo chocante e fino...

III

E áquella hora morta em que os sonhos dos amantes fluctuam no ambiente perfumado e em que só o rouxinol, lá ao longe, chora n'uns devaneios dulcissimos a ausencia da boa amiga, da grata companheira, os *dois* tomaram a lua melancholica por testemunha, e, loucos de amor, loucos de paixão, beberam um no outro o primeiro beijo silencioso—ella com uma tremula e pequenina lagrima deslisando dos seus olhos fundidos em amendoa, elle couraçado d'uma vitalidade montanheza e avido das primeiras sensações do amor!

Mas depois Margarida continuou chorando, as tranças d'ouro em desalinho, o branco «déshabillé» tão branco como a sua carne—recebendo as primeiras lagrimas de arrependimonto! Então, elle levanta-se, sem dizer uma palavra, faz gemer novamente as cordas do bandolim amado e, por fim, dispondo-se a partir, colloca na luminosa fronte d'essa figurinha loira e branca, um beijo de despedida; e diz-lhe n'uma ternura que se delue aos poucos:

—Vae-te, meu amor, e amanhã o festim das nupcias será o sello da nossa feliz existencia.

E partiu n'um passo pousado e molle, como quem lhe custa deixar atraz um pedacito da propria alma!

Ella ainda o esteve a mirar n'uns embebecimentos que lhe vinham do coração, e quando, já no seu leito, uma voz austera lhe segredava: «Louca, que te perdeste para sempre!» como que para abafar essas tenebrozas palavras, chegavam-lhe até a rosea concha dos seus ouvidos as melopéas gratissimas e brandas do bandolim amado e um rumor de beijos cantados e doces...,—áquella hora morta em que os sonhos dos amantes fluctuam no ambiente perfumado e em que só o rouxinol, lá ao longe, chora n'uns devaneios dulcissimos a auzencia da boa amiga, da grata companheira...

Regoa—1887.

RICARDO MORENO.

Era noite de festa no Theatro Academico. Cantava a Depuy, a andaluza mais legitima e mais *salerosa* que por ahi tem vindo e que o Ramon Molina trouxera, como *estrella* de primeira grandeza, n'uma companhia de zarzuella. Estava, pois, a flôr da academia em que destacava intensamente o vulto sympathico e a feição original de Gonçalves Crespo. A Depuy appareceu, cheia de requebros, o olhar faiscante, replecto de effluvios estonteadores, os labios vermelhos como um ramo de flores de romanzeira, ante a platea que se sentiu agitada por uma violenta commoção. Gonçalves Crespo sobe a um camarote e então por entre o estrondear de uma acclamação enthusiastica, recita com aquelle timbre que lhe era tão caracteristico, n'um brilhante improviso, a bellissima poesia conservada até hoje inedita, da qual cremos nem o proprio poeta possuia o authographo e que a *Joia* se orgulha de poder offerecer ás suas gentillissimas leitoras. Eil-a:

A DEPUY

(INEDITO)

I

E' bella, viva e travêssa,
A Dupuy, flôr das huris
Quando maneia a cabeça
E volve os olhos subtis
Não ha sol que mais aqueça
Os corações juvenis.
Salero!
E's a *manola*
E's a hespanhola
Que aplaudo e quero!

II

Que borboletas tão brancas
As tuas mãos flôr de lyz,
Quando as poisas sobre as ancas
Com movimentos gentis
Anciosos bravos arrancas
Entre os applausos febris.
Salero!
E's a *manola*
E's a hespanhola
Que aplaudo e quero!

III

Quando poisas a mantilha
Sobre o pente rendilhado
Deitas a um canto as morenas
Que em Sevilha
Cantam vivas *malaguenas*
Applaudem os matadores
Lançam flôres
A' arena que o sangue banha.
Salero!
E's a *manola*
E's a hespanhola
Que aplaudo e quero!

IV

O arcebispo de Sevilha
Dera o Baculo esculpido
A sua mitra, o cabido
Foi beijar as espiraes
Do teu cabello comprido
Por te ouvir os meigos ais
Do coração commovido
A' sombra dos laranjaes.
Que o Xenillo inunda e banha
Salero!
Repeti eccos da Hespanha
Eis a *manola*
Eis a hespanhola
Por quem *mi muero.*

Coimbra—1874.

GONÇALVES CRESPO.

AMOR D'ALEM TUMULO

(De Campoamor)

Que o sepultassem mandou
Almanzor o aguerrido,
cobrindo-o o pó recolhido,
nas batalhas que ganhou.

De uma morta que adorei,
e a quem nunca hei olvidado,
quando eu morrer, enterrado
entre os seus restos serei.

Eu, mais feliz que Almanzor,
mas em mortalha diff'rente,
gosarei perpetuamente
se elle a gloria eu o amor!

Lisboa.

José Parreira.

A CREANÇA

(A M. A. A. L. M.)

A creança é tudo quanto
Ha de mais puro na terra;
Nem tudo o que o ceu encerra
E' assim tão sacrosanto.

A. Leão Martins.

Pequeno conto

Fernando conversava no jardim e mais a sua amada. Viu passar uma abelha e disse:

—Quantos desejos no mundo semelhantes aos d'ella!»

Olga então, levemente, triste e vermelha e mais bonita do que se estivesse alegre, respondeu:

—«E quanta, flor depois... sem que a beijem!»

Houve uma pausa. Curvou um pouco a sua bella fronte de mulher pallida e linda; fitou os olhos dentro em si mesma, annunciou-se-lhe um pouquito aquella expressão macia de seus bellos olhos grandes, e, descerrando imperceptivelmente os labios á altura, por assim dizer, de uma linha — romperam-lhe duas grossas lagrimas tristes.

—«Filha! não te disse isso por mal nem com intenção!»

—«Bem sei. Mas eu que eu penso (e não sei!) se essas flores que por ahi estão, não se deixam beijar, para serem leaes a quem as beijou primeiro, se depois as não beijam por terem já sido beijadas...

Outubro de 87. Sá-Lino.

MÁ ESTELLA

(De Henri Heine)

Uma estrella scintillava ledamente no azul, mas de subito caiu. Perguntas-me, creança, o que é o amor? Uma estrella a irradiar luz, n'um monturo.

Como um cão minado de sarna, e que perde o ultimo alento vital, ahi a esquina de qualquer rua; assim essa estrella,—o amor—, scintilla, frouxeando lentamente, nesse montão d'immundicias. O gallo canta, o cevado grunhe, e levado pelo amor da sugidade, revolve-se no lamaçal.

Oh! se eu morresse no jardim onde as flores, me fascinam, onde eu aspiro todas as vezes, encontrar uma morte honesta em tumulo perfumado.

Tito Manlio.

Nova serie

—

A *Joia*, não appareceu sem um programma que a caracterisasse, teve-o, e resumia-se todo n'uma só palavra: ser primeiro que tudo um jornal do seu tempo, e como que o orgão dos trabalhos da geração moderna.

E não o desmentiu, estamos certos. E não o desmentiu porque ahi está para o dizer com sobejo o seu passado que podemos dizer glorioso, a serie que ahi fica como representante de muitos esforços, esses tres mezes de lucta porfiada e tenaz contra a indifferença do publico e do meio onde nasceu, contra o rotinismo de escola, e para o proclamar bem, os nomes brilhantissimos que a subscrevem e os que hoje veem prestar-nos o seu auxilio do scintillante talento, agruparem-se n'uma legião radiante em torno da nossa bandeira.

E' que a *Joia* saberá manter-se digna do seu passado, e do logar que occupa na nossa litteratura jornalistica, como o titulo que adoptou lhe indica, protestando que no dia em que for vencida pelo rotinismo e pela transigencia que invade a nossa litteratura ella morrerá, deixando-nos ficar a nós que a sustentamos com muito trabalho e dispendio a consolação de que tem vivido bem e que sabera morrer melhor.

E ao inaugurar o segundo periodo de vida, uma phase de mais triumphos, ella apresenta a sincera expressão do seu agradecimento a todos que a tem auxiliado, assegurando aos seus assignantes, de futuro, a regularidade que caracterisou os seus primeiros numeros, e que ultimamente a introducção das modificações que hoje apresentamos obrigaram a alterar.

***

Os seus melhoramentos são palpaveis. Augmentando-a com uma capa tivemos em vista não só inaugurar uma secção de annuncios que pela tiragem avultada de 700 exemplares e grande circulação que o nosso jornal faz, garante aos srs. annunciantes uma leitura avultada, como tambem porque n'ella inserimos as secções *Livros e Jornaes*, (revista do movimento litterario e jornalistico) *Quinzena litteraria* (apreciação critica das obras que recebermos), *Carnet mondain*, *Palcos e theatros*, *Album charadistico*, e a secção *Curiosidades femeninas* que encetaremos no proximo numero tornando o jornal essencialmente litterario e podendo assim dispôr de mais espaço para a inserção dos primores dos distinctos escriptores que n'ella collaboram.

COIMBRA
Typographia União
1888